

# O Recreador Mineiro.

PERIÓDICO LITTERARIO.

TOMO 2.º

1.º DE AGOSTO DE 1845.

N. 15.

AS VIAGENS DE MR. AUGUSTO DE ST. HILAIRE PELO BRASIL.

Os Redactores do Recreador Mineiro conhecem que as suas considerações não podião deíxar de recahir sobre o longo estado de adormecimento, que tem existido para com a importante descripção physico-histórica sobre o Brasil pelo illustre viajante naturalista Augusto de St. Hilaire.

Os trabalhos topographicos approximão de mais perto as feições de todos os paizes; e o homem, que nutre o amor ao solo natal, consagra-se por si proprio, ou pela tradição escripta ao estudo dos factos da natureza, da convenção, e da arte, que lhe revelão as variadas phases de existencia physica, e moral decorridas, ou ainda remanecentes no circulo em que a sua patria se conserva inscripta.

Não é digno por certo dos soffrimentos do abandono tão interessante assumpto; e ainda que o concurso de muitas causas veda ordinariamente a empresa de huma exploração pes-

soal; ao menos destinaremos a nossa penna á util tarefa de transmittir bem como o havemos transmittido nos precedentes ns. de nossa folha, em versão nacional, os trabalhos decriptivos do sabio viajante, de quem temos a honra d'extractar preciosos quadros, que tão accuradamente revelão os differentes aspectos da obra da natureza, e do homem nesta Provincia.

As relações historicas de St. Hilaire possuem caracteres inherentes d'exactidão, veracidade, e interesse. O exame dos productos vegetaes do Brasil era o designio do illustrado naturalista, que nos coadjuva; contudo, elle não se subtrahio a esforço algum para recolher tambem todos aquelles factos, que podessem debaixo de outras relações, apresentar huma idéa justa do tão interessante paiz. Mr. St. Hilaire não se limitou a explorar lugares frequentados; internou-se tambem pelas mais desertas regiões; e estudou as Tri-

bus Indigenas. Protegido pelas autoridades locais, e acolhido em todas as povoações com a hospitalidade mais generosa, poudo ver tudo o que existia de mais notavel, e reunir os mai preciosos esclarecimentos. Escrevia elle todos os dias hum jornal minucioso de quanto se apresentava ás suas indagações; e nelle consignava tudo o que podia contribuir a hum perfeito delineamento do territorio percorrido. — A exactidão, con-  
 ,, fessa o mesmo naturalista, é le-  
 ,, vada a tal escrupulo nas minhas  
 ,, relações, que muito menos me  
 ,, desvelei em corrigir o meu estilo,

„ do que em pintar com fidelidade  
 „ o que havia observado.”

Taes sao os caracteres do Archivo, que possuímos; e a interpretação dos signaes, que o representao, escondido á lingua vulgar, contrahido de certo huma divida, que a necessidade da illustração geral tem direito a reclamar. Entretanto continuaremos a offerer aos nossos assignantes os trabalhos das nossas versões sobre as referidas viagens; aspirando a que de alguma maneira se amortize aquella divida cuja existencia conserva huma lacuna, que desejaríamos ver preenchida.

## MINAS GERAES.

### DESCRIPÇÃO DA VILLA DO FANADO. (a)

[Viagem d'A. de Saint-Dilaire em 1817.]

A villa do Fanado está situada em hum territorio descoberto em 1727 por Sebastião Leme do Prado, que na companhia de outros Paulistas, sahio do rio Manso perto do Tejuco com destino ao rio Piahy, cujas riquezas são tão preconizadas. Passando pois o Arassuahy e o Itamarandiba, dirigio-se ao norte e chegou ao rio do Fanado. Seguindo as margens deste rio, encontrou outro de menos curso, que nelle se lança, onde achou abundancia de ouro; e

por este motivo lhe deo o nome de Bom-Successo. Sebastião Leme tinha promettido a D. Lourenço d'Almeida, então governador e capitão general de Minas Geraes, de lhe comunicar o resultado de suas explorações, afim de que elle governador podesse comprehender nos limites de sua jurisdicção as minas que se descobrissem; comtudo, outros Paulistas oppozerão-se ao cumprimento d'esta promessa. Foi a Vasco Fernandes César de Menezes, capitão general da Bahia, que se dirigio a participação das descobertas ultimas; e neste mesmo tempo o doutor Miguel Ilonorato tomou posse do

[a] Hoje cidade de Minas Novas. Esta situada na Zona T. rrida aos 17°, 37, ' 30" lat. sul: e 44°, e 28' de long. occidental do observatorio astronómico de Pariz.

paiz em nome do Arcebispo da Bahia na parte relativa á jurisdicção ecclesiastica. As terras vizinhas do Bom Successo, e do Fanado foram divididas; os exploradores de ouro concorrêrão de toda a parte; e fundou-se hum arraial ao pé dos dous rios amferos com a denominação de S. Pedro do Fanado. O capitão general da Bahia, querendo tornar mais solida a sua autoridade no paiz recentemente povoado, enviou hum coronel para o governar, e deu a Sebastião Leme da Trado o titulo de Guarda-mór. Assim de se poupar aos habitantes das novas minas o trabalho de transportar o ouro a Jacobina na provincia da Bahia instituiu-se no proprio paiz huma casa de fundição, de que ainda existe hum cunho de bronze; e organisou-se huma companhia de Dragões encarregada de impedir o contrabando.

Augmentando-se a população, o arraial de S. Pedro do Fanado foi erigido em villa a 2 de outubro de 1730 com a denominação de Nossa Senhora do Bom Successo das Minas Novas do Arassuahy; comtudo ficou sempre prevalecendo o antigo nome do paiz; e ainda hoje este ponto principal de Minas Novas quasi não é conhecido senão pelo titulo de villa do Fanado.

Subnetteo-se pois a nova villa, e seu termo á jurisdicção do ouvidor do Serro Frio, mas sómente na parte relativa ao foro contencioso; e em 1742 foi inteiramente reunida á provincia da Bahia. Não durou comtudo por muito tempo esta disposição, por isso que hum decreto de 1757 desligou definitivamente Minas Novas daquella provincia, e incorporou todo

este territorio á de Minas Geraes ficando comtudo debaixo da jurisdicção do Arcebispo da Bahia (b)

A villa de Nossa Senhora do Bom Successo das Minas Novas do Arassuahy estende se por hum declive mui suave sobre hum morro que na sua extremidade se eleva quasi a pique a cima do Fanado. A maior de suas ruas é aquella por onde se entra vindo do Alto dos Bôis; é bastante larga; e em cada extremidade ha humma igreja construida entre as duas ordens de casas. Destas ha na dita rua junto á extremidade inferior hum grupo atravessado por diversas ruas mui curtas, e terminado por outras duas mais extensas, que se prolongão divergindo huma á direita, outra á esquerda sobre a coroa do morro, de sorte que quando se observa a villa da outra parte do rio, no morro opposto, vê-se que ella tem exactamente a forma de hum Ypsilon — Y —. Muitas ruas tem sido todas calçadas outras porém sómente junto ás casas; os particulares são em geral os que se encarregão das calçadas, mas a camara contribue tambem para esta despesa. As casas são pequenas, terreas, e cobertas de telha. Quando passei por esta villa acabavão de ser caiadas, por que se haviam de celebrar d'ahi a pouco as festas da coroação real. Segundo o costume, quasi todas têm humma pequena plantação de Bananeiras, e de Lorangeiras dispostas sem ordem; e olhando se dos morros vizinhos para esta combinação de paredes caiadas de novo entre a verdura, produzia hum effeito bastante agradável.

(b) O Arcebispo tem em Minas Novas hum Provisor, e Vigario Geral.

As janellas são separadas humas das outras, pequenas, e quasi quadradas. Nenhuma tem vidraças porém a maior parte tem esteiras muito finas de taquára. Na construcção das casas entrão apenas algumas peças principaes de madeira destinadas a sustentar os telhados. As paredes são formadas de tijolos de barro amassado com erva, seccos ao sol. Estes tijolos tem o nome de — adobos —; os que eu medi tinhão tres palmos e tres dedos de comprimento sobre hum palmo de largo; ajustão-se entre si com barro fresco: porém nem todas as casas do Fanado são construidas com adobos; algumas são de taipa.

Além das igrejas mencionadas, ha mais duas; eu porei só vi a que pertence a huma confraria, que era muito aseada, e de muita claridade.

Na villa do Fanado existe huma contraria da ordem 3. de S. Francisco; mas os irmãos só trazem o habito em festas solemnes, e dias de orfissao.

Fabrica-se nesta villa colchas de algodão (c) parte das quaes transporta-se para o Rio de Janeiro. A população da villa do Fanado elevava-se nesta época a 2000 almas, e não poderá deixar de experimentar hum augmento rapido. Em todo este paiz os casamentos são prodigiosamente fecundos: nada ha mais commum do que achar mulheres com 12, 15, ou mais filhos; e asseverarame que nesta villa havia tres casas, que compunhãe huma

[c] Além dos productos communs da lavoura, o seu solo é fertil em algodão que no mercado passa pelo melhor da provincia; e por sua superioridade goza da estimação dos negociantes da Europa.

familia de cem pessoas. A maior parte dos habitantes da villa applica-se á agricultura ou exerce officios mechanicos. Eu observei juoto a esta villa vestigios de lavagens; mas hoje os habitantes deste paiz renunciarão inteiramente a exploração do ouro (d)

Todos os morros, que cercão a villa do Fanado, são cobertos de carrasqueiros.

Entre as especies de arbustos, que os compoem muitos perdem suas folhas na estação secca; outros porém as conservão todo o anno.

O valle onde corre o Fanado perto da villa tem muito pouca largura; e os morros, que o circundão estão cobertos de carrasqueiros até á sua base. O rio é bastante estreito; do seu álveo se elevão bancos d'arêa, e huma pequena ilha; tem huma ponte de madeira onde termina hum caminho calçado, que desce da villa.

A denominação de Fanado é devida ao facto seguinte.

Os Paulistas encontrãrao, como já se disse, grande abundancia de ouro em hum rio, que denominãrao Bom Successo; mas não sendo tão felizes no rio vizinho, impozerão-lhe o nome de Rio do Falhado, ou do Fanado, isto é rio da diminuição; foi porei o segundo terreno que sempre se conservou na villa, que fica

[d] Suas lavras hoje decahidas, forão ricas; por isso que segundo os registros da provedoria, que alli existia, houve anno em que o ouro [da mais bella ôr. e geralmente de 24 quilates] enviado á Casada moeda da Bahia não fallado no extravidado, montou a 215 arrobas, 56 marcos e 4 onças.

descripto a qual deixei em 18 de Maio de 1817.



## F O L H E T I M .



HUMA VINGANÇA ETERNA.

(Continuação do n. antecedente.)

2.

Era já noite. Depois de horas de somno, tinham-se todos retirado para a morada de Frederico que estava desesperado de não ter podido dirigir-se a palacio como costumava. Ficarão ahí n'hum quartinho, sem luz á espera de hum acontecimento e de vez em quando escutavão attentos algum ruido que podesse vir da parte de fóra. Porém não ouvindo nada, continuavão em voz baixa a sua conversação.

— Assim, disse Ulrich, o signal são tres pancadas na mão.

— Sim respondeo Frederico; e esse signal não é dado, se não no caso em que não brilhe luz alguma n'esta casa. Eis-ahi porque, meus charos amigos a nossa reunião esta noite se assemelha a hum conciliabulo de curujas. A menor claridade que podesse dar-me a conhecer aquelle que me vem buscar faria falhar a entrevista.

— E quando são dadas as tres pancadas? perguntou George

— Eu desço, e, apenas aberta a porta, põe-se-me sobre os olhos humma espessa venda. Depois o meu

conductor, tomando-me pela mão, faz-me dar tres ou quatro voltas sobre mim mesmo assim de que eu não passa orientar-me nem reconhecer em que direcção elle me leva. Hum cavallo nos espera; elle me faz montar na garupa, e nós partimos. Presumo que o tracto dura meia hora, pouco mais ou menos. Introduzem-me com as mesmas precauções e fazem-me regressar da mesma maneira.

— Estou persuadido, disse Frantz, que agora tu não oppões nenhuma resistencia; mas, a primeira vez, como te decidiste a viajar d'essa sorte? Eu sou tao valente como qualquer outro á claridade do sol; mas de noite...

— A primeira vez, tive grande medo e julguei que tinha cabido nas mãos de salteadores. Ia-me recolhendo para casa quando fui acommettido por tres homens mascarados que me amarrarão de pés e mãos, taparão-me os olhos com hum venda e me carregarão sobre seus hombros, depois de me haverem pedido perdão de seu procedimento dizendo-me que não obravão assim senão para obedecerem ás ordens de humma pessoa que sentia-se morrer de amores por mim. Sinceramente, eu não accreditava nem humma palavra e pedia já a Deos, perante quem eu estava convencido que ia comparecer, que me perdoasse os meus peccados; porém no fim de humma hora, não me era mais possivel duvidar que elles me tinham dito a pura verdade. Desatarão-me as cordas, e a venda; quiz dar alguns passos e reconheci que estava em hum quarto esbarrando-me n'humma poltrona. Então, mão mimosa e doce se collo-

cou sobre a minha; huma voz que me fallava tão baixo que me custava a ouvir a , posto que seu humido bafo se unisse a meu ouvido, me disse:

— „ Frederico, eu te amo, e, para occultar nossos amores, é necessario o maior mysterio. É escusado interrogares-me; nunca saberás quem sou. Todas as noites, hum homem irá buscar-te a tua casa, e antes de amanhecer tornarás a partir. Cumpre que assim seja: nem queixas nem rogos mudarão esta resolução. Não intentes interrogar aquelle que te trouxe a mim: elle deve ser mudo como a pedra de hum tumulo; e se fallasse, a morte puniria a sua indiscricao. „

Eu aceitei este singular contracto, proseguiu Frederico e ha tres semanas que elle dura. A chara dama me suffoca com caricias e hontem á noite forçou-me a aceitar, como prenda de amor, o dinheiro que haveis repartido dizendo-me que tinha longo tempo hesitado em m'o offerter, mas que podia e queria fazer a minha fortuna.

— Por minha vida, disse George, não sei se eu quereria estar em teu lugar e essa ameaça de morte dirigida a hum simples confidente se por'a sempre de permeio em semelhante conferencia.

— Não é isso o que me causaria maior inquietação, interrompeo Frantz; mas eu não poderia acostumar-me a ignorar sempre com quem me achava. Não tens nenhuma suspeita? Se fosse essa dama que, durante o teu sonho, julgavas ouvir dizer á condessa Margarida: „ Ora vêde, senhora, como é bello este mancebo! „. Póde ser; que pensais, meus amigos?

— Por mim, penso sempre o que pensei a principio, disse Ulrich. Frederico está enamorado da condessa.

— Pois tu não sahes qual é a sua reputação de recato e de virtude?

— Se ella nunca tem tido senão intrigas do genero d'esta, compreendendo que possa alardear publicamente de sua frieza e insensibilidade. De resto, esta noite mesmo saberás se é ella.

— E de que maneira?

— Depois que váis a palacio para lhe fazeres o retrato, é hoje acaso a primeira vez que faltaste a huma audiência?

— E.

— Se o que supponho é verdade, ella se absterá de te pedir á manhã a explicação da tua ausencia; porém esta noite, com hum pouco de finura de tua parte, facil te será excitar esse sentimento de curiosidade e tirar proveito d'elle para a forçares a se descobrir involuntariamente.

— Silencio! disse Frederico; ouço o tropel de hum cavallo.

Elles se inclinaraõ todos quatro e escutarão.

— Alguem se dirige para este lado. Adeos: nada de bulha sobretudo.

O cavalleiro approximou-se da casa, bateu tres palmas; Frederico desceo e partiu com elle...

— Pois bem, sim meu Frederico, dizia huma hora depois a condessa ao mancebo, sim, eu sou Margarida, a soberana d'esta região; Margarida, cujo recato o povo venera, e que apenas te vio, ficou subjugada por louca paixão. Por amor de ti esqueci tudo, minha dignidade, minha grandeza, o cuidado até da minha reputação, pois que

podes agora deitar-me a perder, Frederico; huma palavra tua, e o prestigio que me cerca se desvaneca. Já não sou essa mulher cujo coração permaneceu de marmore no meio de todas as seducções, essa mulher que castigou com o castigo hum fidalgo de sua corte que tinha ousado fallar-lhe de amor. O meu nome póde ir tomar lugar entre os nomes d'essas rainhas impudicas que immortalisou o escandalo de sua vida, e eu viria a ser, se me atraçoasses, hum objecto de desprezo publico, depois de ter visto a multidão adorar-me como huma santa.

— Eu atraçoar-te, Margarida! exclamou Frederico, esquecendo-se então do que se havia passado entre elle e seus tres companheiros; eu revelar o segredo de hossos amores!... oh nunca nunca!

— Tu não tens exprobração alguma que fazer-te, não é assim? disse a condessa. Tua lingua sempre foi discreta? Ninguém te interrogou? Tu não disseste a ninguém que hum mensageiro desconhecido te conduzia todas as noites para junto de huma mulher?

— Margarida, d'onde vos vêm esses receios? perguntou Frederico, que começava a perturbar-se.

A condessa continuou:

— Ulrich, George e Frantz, com os quaes passaste o dia; não tem desconfianças...

— Como sabeis que eu os vi?

— Sei.

Ella pronouciou esta palavra com hum accentu insolito que fez estremecer o mancebo. Houve hum momento de silencio; depois ella accrescentou com voz commovida e carinhosa:

— Eu te amo e tenho ciunça. Vendo que não vinhas, fiquei inquieto e quiz saber o que te retinha longe de mim... Deixemos porém isso, Frederico; a noite se adianta, e não temos mais senão duas horas que passarmos juntos.

O mancebo esqueceu bem depressa o movimento de susto de que não tinha podido abster-se, e entretanto parecia-lhe que esta mulher já não era a mesma. Era hum amor violento, arrebatado furioso; o amor de huma leoa que perturba o ar com seus rugidos, e cuja garras rasga e se entranhão na aréa: erão adeos seus cheios de raiva e caricias que encobrião huma dntada.

Chegou a'hora de se separarem.

— Até á manha, disse Frederico.

A condessa não respondeo.

Depois que atraz d'elle se fechou a porta do quarto, elle achou o seu conductor no lugar costumado, e este poz-lhe a venda nos olhos. Frederico seguio-o algum tempo; notou porém que não passava pelo caminho que tinha costume de tomar. Reconhecia quando sahia de palacio, pela frescura do ar que lhe dava no rosto, e essa noite o ar estava immovel e pesado, e seus pés escorregavão sobre hum terreno em declive que elle nunca havia percorrido. Hum porta enferrujada se abriu, e o seu conductor fazendo-o precipitadamente passar para diante de si, empurrou-o com força pelos hombros.

— Para onde me haveis conduzido? exclamou elle.

— Para huma masmorra d'onde nunca mais sahireis!...

Frederico reconheceo a voz do estalajadeiro em cuja casa esuivera de manhaa com Ulrich, George e

Friantz. Estas tristes e duras palavras, que lhe tiravão toda a esperança forão as ultimas que, por espaço de longos e dolorosos annos, ouviu preferir, e nunca soube se os seus tres amigos tinham recebido o premio de sua curiosidade e da indiscreção que elle commettêra. Ao menos, a reputação da condessa não soffeo a menor lesão. Hum mez depois, chegou á sua cõrte, com seu numeroso sequito, o irmão do imperador Carlos IV, João Henrique duque de Moravia, que desposou Margarida, reputada bella e recatada entre todas as mulheres.

Quarenta annos mais tarde, abria-se hum dia ao povo as portas do velho castello, habitado outr'ora pelos antigos senhores do Tyrol que sua ultima soberana havia, em 1363, concedido á casa d'Austria. A multidão foi admittida na capella do palacio onde se celebrava o serviço divino pelo descanso da alma da condessa Margarida que acabava de morrer em hum convento para onde se tinha retirado. Em quanto todo o mundo estava ajoelhado e rezava, hum homem quebrado pela idade, que trazia sobre seu rosto os vestigios de longo padecimento, penetrou nos aposentos desertos. Entrou em hum vasto quarto em que as alfaias sumptuosas, as ricas tapeçarias estavam devoradas pelo pó. Parou defronte de hum retrato de mulher de resplandecente belleza e que o tempo havia respeitado. Lagrimas correrão ao longo de suas faces cavadas e descarnadas; depois, armado de hum faca lacerou essa pintura e dispersou-a em mil pedaços, que calçou aos pés, exclamando:

— Morre para sempre e para todos,

imagem imperfeita e mentirosa. Eis aqui a que te deve substituir. Eu não possuia outr'ora senão a belleza de teu corpo, Margarida; o hoje dou hum corpo e hum a figura á fealdade de tua alma. Sobreviva-te á tua reputação de recato e de virtude; mas ella não sem honra para ti; e acreditar-se-ha nella sem difficuldade. A tua vingança não durou senão alguns annos, no fim dos quaes pude escarpá-te; a minha não há de perecer.

Então elle desenrolou e fixou sobre o quadro hum tela, na qual estava pintada hum a figura de mulher, que ainda conservava semelhança com o primeiro retrato da condessa, mas onde os defeitos que se encontrão sempre no mais bello rosto estavam exagerados de huma maneira monstruosa. Tornou a cobrir o retrato cuidadosamente, embrulhou o papel preservavel de qualquer accidente, e sabio do castello ao mesmo tempo que a multidão que descia da capella. O velho palacio tornou a ficar deserto, e as aves nocturnas, expellidas hum instante de seus escondijos, tomaraõ novamente posse d'essa morada; ainda ha pouca tarca e tão brilhante.

Como se conserve esse retrato durante seculos? Por que mãos passou elle antes de chegar ao seu actual possuidor? Ignoro. Hum a chronica suissa contém a historia que acabo de referir; e o hediondo retrato de Margarida *Vaultasche* (bocca de sacco), o unico que existe, faz parte da collecção dos retratos historicos do castello de Auga.





COMMUNICADO.

BREVES OBSERVAÇÕES PARA QUEMPR-  
CISA MANDAR ENGANAR O MEDICO.

Hum celebre professor de medicina pu-  
blicou ha poucos annos, pela imprensa .  
as seguintes observações para uso daquellas  
pessoas que precisão consultar os medicos:  
e como nos parecem mui dignas de atten-  
ção, julgamos conveniente traduzil-as e  
dar-lhes publicidade nesta provincia.

1.º Quando se precisar de hum fa-  
cultativo, deve-se sempre manda-lo avisar  
por escripto, e nunca por meio de re-  
cado verbal; hum escripto apresenta-se á  
vista e conta a sua historia sem depen-  
dencia de pessoa alguma; e hum recado,  
pelo contrario, transita pelo menos por  
duas cabeças pouco intelligentes — pelo por-  
tador, e pelo creado que o recebe; e  
quando este se não esquece de commu-  
nicar-lo, confunde-o muitas vezes com ou-  
tros recados recebidos ao mesmo tempo, de  
maneira que se torna inintelligivel,

2.º Deve-se mencionar sempre a mo-  
fada do doente, e sendo em cidades ou  
villas o nome da rua, e n.º da casa,  
por que ás vezes succede haver no lugar  
mais do que huma pessoa do mesmo apper-  
ellido, e ir o medico por engano a casa do  
são, em lugar da do enfermo, e assim  
ser desnecessario incommodo e perder tem-  
po, talvez bem necessario para a prolon-  
gação da vida do paciente.

3.º Em sendo praticavel deve-se man-  
dar o recado de manhã cedo. Os medi-  
cos, geralmente, saem cedo de casa, e sen-  
do prevenidos com antecedencia podem  
no decurso de suas visitas ir á casa do  
enfermo sem maior incommodo, economi-  
sando o tempo sempre precioso para hum  
medico, e habilitando-o avim para em-  
pregar o necessario no exame da molestia.  
Aos que morarem longe, a observancia  
desta regra é ainda mais essencial.

4.º Quando o medico for chamado  
com muita pressa, e principalmente de  
noite, convem, sempre que seja possível,  
indicar-se-lhe a natureza da molestia; isto  
habilitará para reflectir sobre ella, e

para levar consigo alguns remedios que  
possão aliviar o enfermo sem demora.

5.º Quando alguma pessoa doer de  
dia, e reconhecer que precisa da assisten-  
cia de medico, deve mandar logo cha-  
ma-lo, e nunca esperar, como geralmente  
acontece, até á noite, occasião em que as  
molestias tomam hum caracter de maior  
gravidade: a demora é prejudicial ao en-  
fermo e ao hu medico algum que não  
prefira fazer huma visita de dia, ainda que  
desnecessaria, a ser incommodado de noi-  
te quando precisa de repouso.

6.º Quando o facultativo apparcer,  
deve-se logo tratar da enfermidade, e não  
se lhe occupar o tempo com conversações  
inuteis: o tempo de hum professor é par-  
te do seu fundo capital, e priva-lo sem  
necessidade de hum quarto de hora ou de  
cinco minutos, é o mesmo que furtar hu-  
ma porção de panno fino da loja de hum  
mercador. Acaba-se primeiro com a con-  
sulta, e depois se ella tiver tempo e de-  
sejos de conversar, os amigos e parentes  
do enfermo podem com elle arranjar os  
negocios da estade, ou determinar o  
resultado das colheitas; pois que elle fica  
em plena liberdade de pegar no chapeo e  
ir-se embora a qualquer hora que quizer.

7.º Se a pessoa enferma for do sexo  
feminino e principalmente moça e solteira,  
devem as pessoas que se acharem no seu  
quarto retirar-se d'elle quando o medico  
chegar, ficando ali unicamente a mãe, ou  
a parenta que serre de enfermeira; e siga-  
se esta regra por mais insignificante que  
a molestia pareça, por que as indagações  
necessarias envolvem ás vezes perguntas a  
que a delicadeza de huma senhora foge  
de responder em presença de testemunhas  
desnecessarias, e na falta das precisas in-  
formações o facultativo não pode formar  
hum juizo acertado da natureza da moles-  
tia, nem portanto applicar com seguran-  
ça os remedios convenientes.

8.º Nunca se deve enganar o medico,  
por que alem da immoralidade de seme-  
lhante procedimento, o engano nesse caso,  
é sempre prejudicial ao doente, e pode  
produzir consequencias funestas tanto á  
vida do enfermo como á reputação do fa-  
cultativo. A não se depositar toda a con-  
fiança na sua honra, no seu bom senso,

o habilitado, deve ser despedido, mas nunca enganado. Se elle receitar medicamentos que o doente não quer ou não pode tomar, isto se lhe deve dizer com verdade e franqueza: por que do contrario acreditaria que os symptomas que a molestia apresentar são effeitos daes remedios, e semelhante persuasão occasionaria novos erros, fataes á vida do enfermo, e mesmo á de outros para os quaes seja chamado em caso idêntico.

8.º Finalmente, nunca se deve chamar outro facultativo sem previo aviso ao medico assistente, a fim de que este possa, em consulta, dar explicitas informações sobre a molestia, o que é indispensavel para que o medico ultimamente chamado aprecie o estado do enfermo e decida do seu tratamento, pois é exidentia que a systema de dous methodos de cura, que quasi sempre resulta de hum proceder occulto, não pode deixar de ser nocivo ao doente, e certamente menos leal para com os dous professores.

Estas regras são geraes, e casos poderão haver em que não seja possível seguirem-se strictamente; porém nós roga-mos aos chefes de familia a escrupulosa observancia das principaes recommendações que fazemos; dictadas pelo interesse da humanidade e por muitos annos de importante e prolongada experiencia.

## O TABACO.

O tabaco é de todas as plantas, se não a mais útil, a que tem hoje hum consumo tanto nenhuma outra; mais do que o chá, o café, a batata, e até o mesmo trigo, e a immensa estimação que tem adquirido, é hum facto incontestavel, reconhecido por aquelles mesmos que não tomão. Mas para o tabaco chegar a este elevado destino, quão longa e penosa não foi a sua marcha! Foi só triumphando das mais serias e poderosas resistencias, que conquistou a sua bella posição, e se hoje reina nos dois mundos, tempo houve em que os seus partidistas, sujeitos ao código penal, não

tinhão hum canto da terra onde o tomassem e fumassem em paz. Serião necessarios muitos volumes para referir as vicissitudes da guerra que a religião, a politica, a sciencia, e o acio declararão a esta planta.

Na terra natal do tabaco, isto é, na America, as suas qualidades tão apreoiadas dos narizes podião ser saboreadas sem escandalo: os indios barbaros e selvagens, não apreciavão bem a criminalidade de huma acção que consistia em introduzir pelas ventas huma planta reducida a pó, ou em queima-la de modo que se lhe podesse aspirar o fumo; uias na Europa civilizada semelhantes actos forão julgados differentemente.

Trazido a França por M. de Nicot, embaixador de Francisco II em Portugal, e offerecido em 1560 á Rainha Catharina de Médicis, foi o tabaco ao principio acolhido como cousa nova, e por muitos tempos o gozavão somente os narizes mais nobres; porém depois quizerão todos tomá-lo como a nobreza, e o seu uso se tornou geral. Estes successos trouxerão naturalmente huma reacção, e excitarão a inveja. A testa da opposição, collocarão-se os padres e os medicos: os primeiros travejavão contra a preparação do tabaco (pulverizava-se então no momento de o tomar), e contra os seus effeitos, que perturbavão o silencio e a ordem dos officios divinos. Os segundos, conduzidos ao combate pelo celebre Fagon, de quem Molière copiou as leições para o seu *Purgon*, sustentarão theses contra a planta insolente que invadia o dominio da faculdade, mas para gloria do tabaco, e grande divertimento do auditorio, frequentemente interrompião os seus fulminantes argumentos, para tomarem inspirações novas n'huma caixa de tabaco.

Em Inglaterra, não sublevo o tabaco menos controversias; adoptou-o a moda, mesmo com mais enthusiasmo, e a proscripção procedeo severamente contra elle, ainda com mais violencia do que em

França. Esquiota na sua sensualidade *Sir Walter Raleigh*, que o introduziu na sua patria em 1585, sechava-se n'hum quarto retirado para o fumar em pleno socco. Surprehendendo o hum dia hum dos seus criados na occasião em que lhe trazia hum copo de cerveja, e espantado de ver sair nuvens de fumo da boca de seu amo, lançou-lhe a cerveja á cara, para extinguir o incendio interior de que o suppunha devorado, e entrou a gritar por toda a casa; ha fogo! ha fogo! Forçoso foi então a *Sir Walter Raleigh* revelar ao publico o segredo dos seus prazeres, e toda a gente se entregou a elles, com humia especie de furor: em poucos annos fumou se por toda a parte e em todos os lugares, na cidade, no paço, nas igrejas, nos tribunaes, e nos theatros. Enumera-a-se o cachimbo entre as joias das damas da comitiva d'Elisabeth, e os jurados, antes de darem o seu voto, fumavam como os chefes indios antes de tomarem humia resolução solemne. Mas não tardou muito que se não lançasse contra o tabaco o mais implacavel anathema! O mesmo rei d'Inglaterra Jacques I. esorevia contra a maldita erva, com humia virulencia de que bem se pode fazer idéa pelas seguintes frases: „ *Suspenda-se a dizia elle, esse habito nojentto á vista, desagradavel ao olfacto, perigoso ao cerebro, nocivo ao peito, que espalha em toda do fumo exalações tão infectas, como se tivessem saído dos carneros infernaes.* „ Por outra parte, accrescentava „ *Se eu desse hum jantar ao diabo, regala-lo-he com estas tres iguarias: 1.º hum porco; 2.º humia terrina de mostarda e bacalhão secco; 3.º hum cachimbo com tabaco.* „ Carlos I. e Carlos II. manifestarão tambem contra esta heresia da animidade do seu predecessor.

Inimizades não menos illustres perseguiram o tabaco na Italia, donde tambem ao principio havia sido mui bem acolhido. O reconhecimento publico, quasi que

declarou, que o cardeal Santa Cruz, que o havia importado (no meado do XVI seculo) tinha bem merecido da sua patria, mas logo depois, Urbano VIII e Innocencio XII fulminarão excomunições contra todos os que fossem surprehendidos a fumar-o, ou toma-lo em qualquer igreja.

A Suissa, ordinariamente tão liberal e tolerante, mostrou-se violenta e tyranica contra o tabaco e seus adherentes. Em Berne creou se, em 1661, hum tribunal especial debaixo do nome de *juiz do tabaco*, para proceder contra os que o tomassem e fumassem, e a prohibição do tabaco foi intercalada entre os mandamentos da lei de Deos.

Se n'humia terra de liberdade se tomavão semelhantes medidas, os governos absolutos não moderarão as penas estabelecidas contra os adoradores do *ouzo potavel*, como lhe chama a o Inglez Burton. Hum *Grão Mogor*, e hum Czar da Russia declararão o acto de fumar crime de morte, ou pelo menos de amputação do nariz. Hum imperador da Turquia, promulgou hum decreto, ordenando que todo o Turco que fosse apanhado, e convencido de fumar, seia conduzido pelas ruas publicas da capital com o instrumento do delicto, isto é, com o cachimbo pendurado ao nariz. Finalmente hum Sophi da Persia fez saber ao seu exercito n'humia proclamação, que, encontrando se algum soldado com tabaco, seriamo queimados na mesma fogueira o homem, a planta, e o cachimbo.

Os fumistas, e todos os que tomão tabaco tiveram, como se vê d'esta abreviada historia de seus ensaios, que passar por tempos calamitosos, para chegarem á sua era actual de liberdade. Mas a final o campo de batalha está definitivamente e irrevogavelmente ganho para o tabaco, e este campo de batalha é immenso como já dissemos; e o mundo inteiro, pois hoje eleva-se triunfante o fumo do tabaco, sobre a Europa, sobre todos os

mares, sobre a Africa, America, e Asia. E' verdade que para se justificar em de hum imitação contraria aos seus habitos, e humillante para o seu orgulho, pretendem os Chinas, haverem dado o tabaco ás outras nações, e não tê-lo dellas recebido; mas seja ou não assim, é certo que o tabaco e o chá fazem actualmente as delicias dos adoradores de Confucio; estando levada na China ao ultimo grão de perfeição a arte de fumar. As meninas Chinezas trazem á cintura, desde a idade de oito annos, como objectos de primeira necessidade, huma botã de seda cheia de tabaco, e hum cachimbo, de que ja se servem com huma destreza admiravel.

#### HUM CRIME PUNIDO POR OUTRO CRIME.

Viajavão tres sujeitos em sociedade, e, tendo encontrado no caminho hum thesouro o repartirão mui contentes entre si: no seguimento da jornada não fazião senão fallar da boa fortuna que tiveram, formando cada hum seu cálculo sobre a melhor applicação que havia de dar á somma que lhe coubera em partilha. Como se acabassem os provimentos que trazião consigo, concertarão em que fosse hum delles busca-los ao povo visinho, e foi ao mais moço que se encarregou esta incumbencia, para o que elle se apromptou gustosamente e partiu sem detença.

Pelo caminho foi elle dizendo consigo: — „ Ora, eu, é verdade que já estou rico; mas ainda podia sê-lo mais: se eu fosse só quando achámos aquelle thesouro, todo elle seria para mim: fôzão, portanto, aquelles meus dous companheiros que me privarão das riquezas que erão minhas, e não poderei eu haver-las á mão? Sim, posso, e sem grande difficuldade: eu vou comprar mantimentos para comermos, é arranjar o modo de os envenenar, e está tudo feito;

porque em quanto ao eu não comer, isso arranja-se bem, porque direi que comi já na povoação, e elles comem sem receio, e, dentro em pouco, morrerão: e, desde que isto succeda, passarei do terço que tinha no thesouro, a possuí-lo todo inteiro. „

Quando o mais moço ia deitando estas contas fazião a segunda os dous mais velhos, dizendo entre si: — „ Nós não tínhamos necessidade alguma de admitir hum terceiro em nossa companhia; se viessemos sós, seríamos senhores do thesouro, e assim temos que repartir com elle, e mais pequeno fica o nosso quinhão; o verdadeiro era nós matarmos-lo, e ficaríamos então bem ricos: elle não tarda nada, nós temos punhaes; vamos esperá-lo, e acabemos com elle. „

Se bem o disserão, melhor o fizeram: quando chegou o mais moço com os mantimentos envenenados, julgando ter feito a sua fortuna, achou a morte nos punhaes de seus companheiros; estes, julgando saciar a fome, corêrão a morte, e nenhum delles logrou o tão ambeionado thesouro!!

Lição fatal para os ambiciosos a quem nenhuma fortuna contenta, e que, quanto mais possuem, mais desejão; e ainda maior lição para aquelles que, por huma errada philosophia, pensão que todos os meios são justos, com tanto que se consigão os fins? Maxima nefanda e subversiva, que ás familias promette lagrimas e luto, e ás nações sangue e ruínas!!.....

#### PANEGYRICO DE HUM ASSIGNANTE DE CERTA FOLHA AMERICANA.

Hum jornal Americano termina assim huma noticia biographica: „ Com a morte d'este homem, perde a sociedade hum dos seus mais bellos ornamentos; a igreja hum fiel christão; sua mulher hum marido constante; e nós hum assignante mui prompto nos seus pagamentos. „

# A MADEIRA.

## CANTIGA.

Tem a côr da negra noite,  
E com o branco do rosto  
Fazem, Marília, o composto  
Da mais perfeita uniao.

(Gonzaga.)

Canto d'Eulina  
Hum attractivo,  
Q'o livre peito  
Me fez captivo.

Entre mil outros  
Dotes resalta  
Esse perfeito  
Sem huma falta.

Longo cabello  
De sêda fina,  
Q'orna-lhe a airosa  
Frente divina,

Acaso solto  
Hum dia o vi,  
D'amor e gosto  
Quasi morri.

Côrou-se Eulina  
Vendo-me assim;  
Envergonhada  
Fugio de mim.

E então na fuga  
Entregue ao vento  
Essa madeira  
Era hum portento!

Com tal negrura  
Tão lúsdia  
Pelo alvo cóllo  
Se desparsia.

Fermando n'elle  
Contraste tal,  
Q' não o explica  
Lingoa mortal!

Oh! nunca os olhos  
Assim a olhassem!  
Ou vendo-a, nunca  
De a ver deixassem.

Julguei que Eulina  
O véo trazia,  
Q'a negra noite  
Perdido havia.

Fiquei immovel,  
Nada lhe disse  
Como se hum raio  
Me alli ferisse.

(Salomé.)

## TRANSPLANTAÇÃO DE ARVORES.

Devem-se fazer, muitos mezes antes das covas destinadas á plantação a fim de que a terra se embeba perfeitamente dos succos productivos pelos vapores da atmosphera. Quando se fizer a plantação, ponha-se no fundo de cada cova a terra que antes de cavar se achava-se na sua superficie; por que esta terra contem geralmente maior quantidade de succos vegetaes.

Convem plantar antes das aguas as arvores tiradas do viveiro (nas provincias meridionaes do Brasil os mezes de junho julho e agosto são os mais proprios); e quando tenham apanhado chuvas finas em seu transporte, devem ser banhadas antes de se metterem nas covas, em agua, em que se tenha dissolvido esterco de cavallo, e ainda melhor de aves. Quanto mais raizes tiverem as novas arvores, tanto mais depressa pegarão; por isso refresquem-se bem, com a dissolução acima, as raizes que se tenham quebrado na mudança, e isso se faça em lugar abrigado de chuvas e de ventos.

No fundo das covas lance-se estrume perfeito, ou herva picada, ou terra boa da superficie. Quando não haja mais do que esterco novo, cubra-se este de humna camada de boa terra a fim de que as raizes o não toquem sem que esteja perfeito pela fermentação. Dicoem-se as arvores depois de plantadas para não serem abaladas pelos ventos durante a sua primeira vegetação em seu novo terreno e dem se-lhes encostos, se forem frageis e delgadas.

Não se deve cavar perto de arvores novamente plantadas, para que se não offendão as suas radículas, ou se interrompa a marcha de sua mais pura vegetação; basta que á mão se arranque nas hervas, que possuão as folhas, e consumir-lhes os succos vegetaes, juntando-as, depois de cortadas, em roda do tronco, e cobrin-

do-as de humna pequena camada de terra, para que se convertão em estrume. Em terrenos queem se arenosos, muito aproveita cobrir-se de esterco de vacca em roda o pé da arvore, deitando-se por cima alguma terra,

Reguem-se as novas arvores pelo menos humna vez em cada semana, e o tempo correr secco. Este cuidado será recompensado por humna prompta e vigorosa medra.

## ORIENTAMENTO DAS ARVORES.

Quando se plantão arvores, voltão-se de infinitas maneiras em suas covas, procurando-se a direcção que se quer dar a seus ramos mas ninguem attende á posição que estas arvores tinham no terreno de que foram tiradas; esta precaução é absolutamente necessaria á respeito de certas especies de arvores.

Em vi n'outros tempos (diz hum agronomo) hum viveiro de amoreiras, cujo dono para animar no paiz a criação dos bichos de seda, fazia distribuir cada anno gratuitamente, milhares de amoreiras. Sobre todas essas arvores o lado exposto ao norte era indicado por humna risca vermelha pintada a oleo, e era expressamente recommendado que se plantassem na mesma posição, porque o director deste viveiro, depois de muitas experiencias, se convenceo que a amoreira transplantada em sentido inverso da exposição em que crescera, era muitas vezes atacada de chagas e tumores na face precedentemente exposta ao meo dia, e que então se achava exposta ao norte.

Esta observação não deve ser rigorosamente applicada a todas as especies de arvores; mas parece de grande importancia para as que são de mais delicada natureza, mormente se o lugar a que foram transplantadas, é exposto a mais fortes alternativas da atmosphera, do que o lugar em que nascêrão, ou em que viverão por muitos annos.

## TINTA FACILIMA: CÔR DE GANGA

Toma-se hum porção de casca de angico; pisa-se, depois de tirada a superficie grosseira da casca, e se lança em agua a ferver. Fervida tira-se do fogo, e logo que se possa ter a mão dentro mette-se na agua; separada a casca o panno que se quiser tingir, devendo este ser alvejado, e esfrega-se muito para evitar manchas.

Esta côr avermelha-se ao sol; mas logo que é novamente lavada torna a adquirir a côr primitiva da tinta; e quando é tal o avermelhado, que não obedeça á lavagem (o que rara vez acontece) passa-se o panno em agua limonada, e immediatamente se lava em agua limpa. Tambem, querendo, se ajunta pedra hume na tinta.

## O PASSEIO.

O passeio é hum passatempo para os pés; a ama que nutre os sapateiros; o ponto dado dos amantes; o medianeiro de locas intrigas; a consolação das jovens viúvas; a romaria dos tafues; o paraíso das namoradeiras; o purgatorio do marido zeloso; o maná dos vadios; e a galé dos preguiçosos. Recreia a vista, diverte muitas vezes os ouvidos, conserva a saúde e tempera hum gozado melhor do que o mais habil cozinhado do mundo. De manhã é moleto e á noite divertido: na volta para casa requer o sofá, e faz da cama hum objecto de

tentação. De verão regal os seus apaixonados com poeira e d'inverno com defluxos. A côr é o seu filho, e o somno o seu neto. As suas armas são os leques, e os chapéus de sol a sua crôa. Finalmente é o prazer da mocidade, e o pesadume dos gótosos.

( *Pensamentos do Conde de Ovens-tiern.* )

## AVISO AOS QUE USÃO DE CHINÓ OU CABELLEIRA.

Eis-aqui hum acontecimento que teve lugar na cidade de Londres, e que tirará a muita gente a vontade de pedir cabelleira ou chinós emprestados. Hum certo Mr. Hughes, conselheiro de justiça, que tinha hum enormissima cabelleira, julgou dever acceder aos desejos de hum amigo que lli'a veio pedir emprestada. D'alli a algum tempo, foi Mr. Hughes visitar ao dito seu amigo, que estava almoçando com muitas pessoas de distincção, e ainda estavam nos cumprimentos do estilo, quando hum cão de Mr. Hughes, reconhecendo hum traste de seu dono em corpo estranho, soltou sem mais cerimonia sobre os hombros do Amphitrião, abocou a cabelleira, e retirou-se, deixando-lhe a calva á mostra, no meio das gargalhadas da sociedade.

*Resposta de hum sargento*

Hum sargento, saltando nelle hum cão para o morder. Lhe metteo de orte a alabarda, que logo o matou. Sahio o dono muito gozoso, dizendo que era desta natureza matar daquella sorte hum animal, por

dendo dar-lhe com a hastea, e não com o ferro.—Você pároce que tem rasão, respondeo o sargento; mas elle não me ameaçou com o rabo, foi com os dentes.



## LOGOGRIPO.

Co'a minha prima e segunda  
Te cobres quando tens frio;  
Se és a primeira e terceira,  
Quando compras de ti fio.  
A prima e segunda ás vezes  
Tambem serve por leite;  
A's crianças tambem serve  
Ou seja d'agua ou de leite.  
A primeira quarta e quinta  
E' petisco só dos nobres;  
Mas se vem com algum ranço  
Tandem chega para os pobres.  
Eu todo não tenho mãos;  
Mas nos sons imito a gente  
E ás vezes mordo em tal forma  
Que se crê que tenho dente.

( J. A. S. )



## CHARADAS.

O taful de si me expelle | 1  
Com cuidado sem igual: |  
Sou adverbio e tambem | 1  
Sou pronome pessoal. |

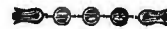
Pelos cantos sobre as mesas  
Sempre foi o meu lugar -  
Posto ahi m vão sangrando  
Té de todo me esgotar.

Sou huma preposição | 2  
A certo pronome unida, |  
De tristesa indicio dou, | 2  
De morte, dôr desabrida.

Só quando a honra, o brio  
O homem chega a perder,  
E' que nome tão infame  
Então lhe pôde caber.

Podes a minha primeira | 1  
Em qualquer collegio achar, |  
As outras onde o diabo | 2  
Se não atreve a chegar.

Não sou homem não sou hicho,  
Agua, fogo, terra ou vento,  
Mas retrato véro ou falso  
D'aquillo que represento.  
( J. J. V. )



De Musica — 1  
De Musica — 1  
De Musica.

( A )

Charadas do n. antecedente.

- 1.ª — Barbacena.
- 2.ª — Garrafa.

O — Recreador Mineiro — publicase nos dias 1.º e 15 de todos os mºs.  
A redacção desta folha occupará hum volume de 16 paginas em 4.º, sendo alguns numeros acompanhados de bellas estampas. O seu preço é de 6:000 rs. por anno, e 3:000 rs. por seis mezes nesta Cidade do Ouro-preto: e fóra della 7:000 rs. annuaes, e 3:500 rs. por semestre, pagos adiantados, por isso que nesta quantia se inclue o porte do Correio. Cada numero avulso custará 400 rs., e 1:200 rs. levando estampas as quaes todavia n-é augmentarão o preço d'assignatura. Subserve-se na Typographia imparcial de Bernardo Xavier Pinto de Sousa, a quem as pessoas de fóra, que desejarem subser es-  
v- podem dirigir se por carta sobre semelhante objecto.